



DEUSA VIVA

Uma publicação do Círculo de Mulheres da Teia de Thea

Lua Azul, Agosto de 2012, nº 155



Mirella Faur

ANANTA SSHA, DEUSA SERPENTE HINDU

Em 31 de agosto, a Teia de Thea celebra a Lua Azul em ritual dedicado a Deusa hindu Ananta. Lua Azul é o nome que se dá à segunda Lua Cheia dentro do mesmo mês. Um fenômeno que acontece, em média, uma vez a cada dois anos e sete meses. Desde a antiguidade, a Lua Azul é considerada um acontecimento de muita força magnética e poder espiritual, reforçando o sentido de plenitude da Lua Cheia.

Nas culturas antigas existiam várias crenças e histórias sobre a imortalidade das serpentes, que não morriam de velhice, mas trocavam periodicamente suas peles emergindo renovadas, ou renasciam em outra vida.

Devido a este dom de trocar de pele e se renovar, a serpente foi divinizada e reverenciada na forma de inúmeras divindades associadas com morte, mortalidade e renascimento. A reverência das serpentes fazia parte das mais antigas tradições hindus, que as cultuavam como divindades ou seres semidivinos, regentes do mundo subterrâneo ou aquático e que atuavam como guardiãs das riquezas – pedras preciosas, metais e minerais. Em certas partes da Índia eram associadas com arco-íris, terra e chuva e cultuadas pelos seus poderes de fertilidade.

As mulheres que desejavam engravidar veneravam pedras com formato de serpente, ou as gravavam com a figura de uma deusa carregando uma criança nos seus braços. Depois de permanecerem submersas na água do rio ou da chuva por seis meses, as pedras assim imantadas eram ungidas com óleos coloridos

com pós - vegetais ou minerais -, adornadas com flores e colocadas embaixo de uma árvore sagrada chamada neem, servindo como pontos de força, oferendas e invocação.



O culto das serpentes na Índia é oriundo da cultura ariana e ainda constitui um aspecto importante do hinduísmo; mesmo nos dias atuais seus fieis as reverenciam com oferendas de leite, incenso e flores e lhes pedem ajuda e proteção. Matar uma serpente cria um mau carma e atrai o azar e a doença, às vezes até mesmo a sutil vingança das outras serpentes. Se uma cobra for morta por acaso, costumam-se fazer certos rituais antes de cremá-la ou enterrá-la, para evitar a perseguição das divindades-serpentes.

A reverência das serpentes é fundamentada no medo atávico do ser humano perante os répteis, existindo inúmeras histórias e fábulas sobre elas; figuras, imagens, objetos e decorações com serpentes se encontram em todas as partes da Índia. Os fiéis procuram buracos na terra onde as serpentes se abrigam e colocam ao seu lado oferendas de leite e

abrigam e colocam ao seu lado oferendas de leite e frutas. Seu inimigo eterno é Garuda, o pássaro mágico montado pelo deus Vishnu.

Deusas serpentes e a energia divina primordial

Existem diversas divindades-serpentes entre quais é citada Ananta, que aparece ora como um deus (“o rei do mundo das serpentes”), ora como uma deusa criadora e regente do tempo infinito, que sustenta a Terra sobre o seu corpo. Brahma, o deus criador hindu e outros deuses repousam entre suas encarnações e atividades sobre seus anéis, flutuando num mar de leite.

A serpente, seus anéis e o mar sobre cujas ondas os deuses flutuam são símbolos arcaicos da energia divina primordial. Brahma também é associado à deusa-serpente Kundalini, que representa a energia feminina do universo, personificada como uma serpente ígnea, que jaz enrolada na base da espinha e cujo despertar vibra ao longo dos chacras ativando-os, até alcançar o topo da cabeça onde explode na luz branca da consciência pura.

Conhecida também como Ananta Ssha (“a eterna” ou “o infinito”) esta divindade bipolar é regente do abismo cósmico, criadora de todos os nagas; seu enorme corpo enrolado flutua no espaço ou no mar primordial, seus anéis sustentam o corpo do deus Vishnu e suas mil cabeças formam um toldo acima da cabeça do deus, protegendo-o de qualquer



perturbação.

Ananta criou o amrita, o elixir da imortalidade, agitando o oceano primordial; acredita-se que ela abriga todos os planetas no meio das suas dobras do capuz e sustenta nas costas os oito elefantes sobre quais se apoia o mundo. Ananta dorme apenas entre as eras da Criação, proporcionando assim o renascimento de Brahma no final da escuridão. Ela tem uma natureza dual, no aspecto benéfico protege o sono do deus criador e sustenta o mundo nas suas costas, mas também cospe fogo e destrói a criação no final de cada kalpa (ciclo de 1000 yugas ou eras), para promover a renovação ou a devastação total.

Vishnu descansa nas costas de Ssha entre as eras e no momento certo, do seu umbigo nasce um lótus dourado do qual emerge o deus Brahma. A imagem da serpente gigante reaparece no budismo Mahayana, onde a deusa serpente Mucalinda oferece o seu corpo como trono para Buda e eleva suas sete cabeças para formar um toldo de proteção ao seu redor, enquanto ele confronta os poderes destrutivos do universo, antes da sua iluminação.

Templos, pujas e locais sagrados de peregrinação

No antigo Egito a deusa serpente Mehen “a toda envolvente”, se enroscava cada noite ao redor do deus Ra, para que ele descansasse e renovasse suas energias. Um dos mitos hindus relata uma disputa entre Ananta e Vayu, o deus do vento; enquanto o vento soprava sobre os picos do Monte Meru, Ssha cobria cada um com uma das suas cabeças para proteger, mas, quando de repente Ssha levantou uma cabeça para espiar ao redor, Vayu quebrou um dos picos, soprando-o para perto de Tripiti - uma colina perto de Mysore - que foi considerado sagrada e se tornou local de peregrinação.

Em Malipuram, “a terra das sete pagodes”, perto de Madras, existe nos rochedos uma escultura enorme em que é representado Vishnu, deitado sobre uma serpente enrolada, cujas inúmeras cabeças formam um toldo sobre si. Em Mannarshala existe um templo onde os pujassão

realizados somente pela mulher mais idosa de uma família, conhecida como Valiamma (“mãe grande”). Ela deve ser celibatária e permanecer a maior parte da sua vida morando dentro do templo, orando, meditando e fazendo pujas (rituais com oferendas).

O recinto do templo é alcançado passando por aleias com arbustos, plantas medicinais e rasteiras, decoradas com longas fileiras de estatuas de serpentes. No meio delas, encontram-se buracos em que famílias de serpentes vivem felizes e sem serem perturbadas, sendo indígenas do local ou trazidas pelas famílias que não podem cuidar delas. Os visitantes percebem uma energia diferente no lugar e sabem que ele pertence às serpentes, por isso devem caminhar em silêncio e com muito respeito, sentindo-se seguros, pois elas não atacam ninguém, a não ser quando provocadas.



Celebrações para Ananta e o mito do Clã dos Nagas

Anant Chaturdasi era um festival de purificação das mulheres dedicado à deusa Ananta, no seu aspecto de Senhora do fogo criador e da força vital feminina, precursora de Kundalini, cujo despertar e passagem por todos os chacras leva à iluminação. A reverência de Ananta é feita também durante o festival Naag Panchami ou o “Festival das Serpentes”, no final de julho ou início de agosto (mês dedicado ao deus Shiva), quando são honrados Ananta e o Senhor Shiva. Como parte do festival, as mulheres desenham serpentes nas paredes das suas casas com uma mistura de giz, pó de carvão, estrume de vaca e leite; depois são feitas oferendas de leite, ghee (manteiga clarificada), arroz e água na frente das imagens ou estátuas de cobras e colocadas também perto das suas moradas. Neste dia não se ara a terra com medo de matar alguma serpente; como agradecimento elas nunca vão morder os membros daquela família. A comemoração inclui danças e muita alegria; se tiver alguma serpente capturada antes pelos homens, ela é libertada. As maiores comemorações são nos estados de Bengal e Mahashatra com conotações religiosas também, pois se acredita que as serpentes salvaram a humanidade da fúria dos demônios e que a Terra é apoiada na cabeça de Shesh Naag, a Grande Serpente cósmica.

Outro mito hindu conta que antes da chegada dos arianos na Índia, no vale do rio Indo existia o clã dos Nagas, seres muito evoluídos e que reverenciavam as serpentes; com o passar do tempo os hindu-arianos aceitaram as divindades serpentes para fazerem parte do seu panteão, considerando-os Reis Nagas, donos de vários reinos e cultuados como deuses. Os Nagas moram em vários lugares, em baixo da terra ou das águas (naga significa “fonte” em sânscrito) e até mesmo em reinos invisíveis. Devido à sua percepção e sensibilidade aumentadas, os Nagas sofrem com a falta de respeito e a violação do meio ambiente pelos seres humanos. Por isso, eles retribuem com punições em forma de doenças de pele, infortúnios e acidentes. Mas eles também podem propiciar a fertilidade dos rebanhos e a prosperidade das colheitas, em troca de cuidados e reverência com a natureza e os seres vivos.

Na região de Kashmir os Nagas são considerados os habitantes ancestrais, descritos como divindades aquáticas com corpo e extremidades de serpentes e cabeças humanas encapuzadas e com adornos de joias; eles têm uma personalidade fascinante, que pode enfeitiçar os seres humanos com a sua graça e beleza. Conhecida pela velocidade das suas reações, sabedoria e poderes ocultos, os hindus acreditam que a serpente é a primeira forma em que um ser se encarna e por isso a honram e cultuam.

No janaísmo e budismo a cobra é considerada uma criatura sagrada, com qualidades divinas, companheira do deus Shiva (cujos colares são feitas de serpentes) e que salvou a vida de Buda e de outros seres iluminados. Nas grutas de Ajanta foram encontradas imagens antigas representando o culto das serpentes e a literatura hindu é repleta de histórias descrevendo as virtudes e qualidades delas, conhecidas como protetoras e curadoras. Além de Ananta, existem inúmeras outras deusas-serpentes como: Manasa, associada com a Lua, sentada sobre um lótus usando uma tiara com sete cobras, preservadora e destruidora, protetora dos partos e Khadru, a mãe criadora de todos os nagas e das cobras aquáticas (seres metade humanos, metade cobra) que os nutria com o seu sangue menstrual, tornando-os assim imortais.

Invocação à Deusa Ananta

A deusa Ananta pode ser invocada pelas mulheres que seguem a Tradição da Deusa para fins de purificação (dos locais, das casas, dos familiares e doentes, das pessoas e da terra), para afastar energias e entidades negativas, para fortalecer a energia Kundalini, para alinhar e limpar os chacras, para atrair abundância, prosperidade e riqueza. Como oferendas podem ser escolhidas raízes e cipós com formas serpentinadas, pedras semipreciosas, purpurina, óleos aromáticos, leite, mel, manteiga e frutas.



Mãe Terra

Vida Morte Vida e o Mundo Gira

por Helena Maltez



Depois de alguns dias fora de casa, fui regar o jardim. Saudades imensas de todos que lá vivem, plantas, bichos, seres visíveis e invisíveis. E como acontece quando encontramos amigos de quem sentimos saudades, eu estava louca para saber das novidades.

O ingá de metro que plantei na frente da janela do meu quarto todo em flor! A primeira florada. Flores esvoaçantes de pistilos brancos exibicionistas. Estrelas brancas dançando com o vento. Pompons de natal cor de neve em pleno inverno tropical. Amo ingá de metro. Havia um deles no quintal da minha infância. Lá no fundo do quintal, que para mim era imenso, sem fim. Eu subia nele para colher aquelas vagens compridas e gordas, já em ponto de explodir para fora o algodão branco do seu interior. Ao abrir as vagens, aquele aroma adocicado da minha infância subia e penetrava meus sentidos. Pura delícia de fruta selvagem, não domesticada, nem melhorada, nem piorada pelos dedos dos homens tecnificados. Apenas pelos dedos daqueles que a amam comer e foram espalhando as sementes das frutas mais gostosas e carnudas por aí. Sementes pretas escorregadias que pedem para ir ao solo imediatamente. Recalcitrantes, não resistem muito tempo e perecem logo depois que sua polpa branca

e cheirosa é comida. Prova de que é árvore da mata de galeria, da mata ciliar, da mata que fica na beira dos rios, mata sempre molhada que não se importa se lá fora é tempo de seca ou de água.

Segunda novidade: a pitangueira morreu. Aquela cujo fruto aparece no final do filme que fiz para o TEDx Buenos Aires e no qual mostro meu quintal agroflorestal. A mãe daquele fruto que aparece imenso sobre a mão de Janaína, minha filha caçula. Aquele fruto foi o último, imenso e

produzido fora de época só para enfeitar o filme, junto com outros 3.

E a pitangueira morreu. Parte das folhas secaram ainda presas à árvore. Fiquei muito tempo observando e tentando compreender o que havia acontecido. Até que, de repente, me dei conta de que não se tratava de compreender, mas simplesmente de aceitar. E também agradecer pelas tantas colheitas maravilhosas que forraram o chão ao seu redor e nossos pratos de vermelho. Pensei no ho'oponopono: sinto muito, me perdoe, tem amo e sou grata. Tenho feito essa oração acrescentando antes dessas afirmações: *eu aceito*.

Ali, de pé, aceitando a morte da pitangueira, olho para baixo e o que vejo? Muitos e muitos filhotes da pitangueira. De vários tamanhos. Logo crescerão e produzirão deliciosos frutos também. E o ciclo recomeça, cada vez mais abundante, em novo patamar de aceitação, perdão, gratidão e amor.

* Helena Maltez é jardineira agroflorestal e mantém o blog <http://www.buniting.blogspot.com/>.

ÓLEOS AROMÁTICOS E OS ELEMENTOS

Retirado do livro Almanaque mágico - um guia de ensinamentos práticos de Mirella Faur. Editora Forças Ocultas



Estes óleos são destinados a untar velas, a queimar como aromatizantes do ambiente, a consagrar pessoas ou objetos ritualísticos.

Usa-se como base 10 ml do óleo de oliva ou amêndoas doces, acrescentando os ingredientes indicados diretamente no vidro e sacudindo bem para misturar.

Para o elemento Água acrescentar:

- 12 gotas essência de rosa
- 4 gotas essência jasmim
- 7 gotas essência camélia
- 4 gotas essência lótus

Para o elemento Terra acrescentar:

- 1 gota essência patchuli
- 2 gotas essência pinho
- 13 gotas essência magnólia
- 10 gotas essência madressilva

Para o elemento Ar acrescentar:

- 3 gotas essência de benjoim
- 12 gotas essência de laranja
- 9 gotas essência de lírio

Para o elemento Fogo acrescentar:

- 3 gotas essência de canela
- 12 gotas essência de laranja
- 2 gotas essência de cravo
- 7 gotas essência de noz moscada

Para o Espírito acrescentar:

- 8 gotas essência de sândalo
- 8 gotas essência de violeta
- 5 gotas essência gardênia
- 5 gotas essência alecrim



Próximos Rituais

Celebração de Equinócio

*Tiamat, a Mãe das
águas primordiais na Suméria*

Data: 22 de setembro de 2012 às 20h

Somente para mulheres



Plenilúnio

*Themis, a Deusa grega da
ordem e da justiça*

Data: 30 de setembro de 2012 às 20h

Vestir roupas gregas ou saia ou vestido
branco com dourado.

Levar:

- * 1 símbolo de justiça;
- * 1 vela branca de sete dias;
- * seu oráculo;
- * 1 xale ou véu;
- * tambor ou chocalho, se tiver.

Somente para mulheres



Os rituais acontecem na Unipaz - Brasília/DF

Energia de troca R\$ 15,00

Informações:

Andrea Boni (61) 3408.4065

Nane (61) 9677.9453

www.teiadethea.org

teiadethea@teiadethea.org

O CD "Treze Luas", de Mônica Fonseca, traz a conexão da artista com as Matriarcas das treze lunações

por Vera Pinheiro

Adquiri o CD "Treze Luas", de Mônica Fonseca, com imenso carinho e admiração pela artista sensível e gabaritada profissional da arte que ela é, com capacidade de se expressar em música e dança com a mesma beleza, sem falar que é minha irmã de caminhada sagrada. No primeiro momento, não consegui prestar atenção em nenhuma das canções em particular porque, de imediato, entrei em estado de êxtase. Tamanha doçura e leveza me levaram a um estado elevado de consciência. Uma espécie de amor à primeira vista, daqueles que a gente bota os olhos – no caso, os ouvidos – e se entrega ao enlevo do sentimento que brota espontâneo.

Assim foram mais algumas tentativas – vãs – de ouvir criticamente o CD "Treze Luas". Ao poucos, comecei a identificar uma ou outra frase musical, cantarolar um refrão, perceber a riqueza dos arranjos, captar a sonoridade dos instrumentos, e a voz delicada e magnificamente clara de Mônica Fonseca ganhando intimidade com o meu cotidiano. O CD passou a integrar a paisagem sonora dos meus dias e a me embalar na suavidade das 13 canções. Não descolei mais dele desde então. E é claro que, em uma casa de duas pessoas, cada uma tem o seu "Treze Luas", a b s o l u t a m e n t e indispensável a quem aprecia boa música. É do tipo que até se pode ouvir junto, mas não se empresta!

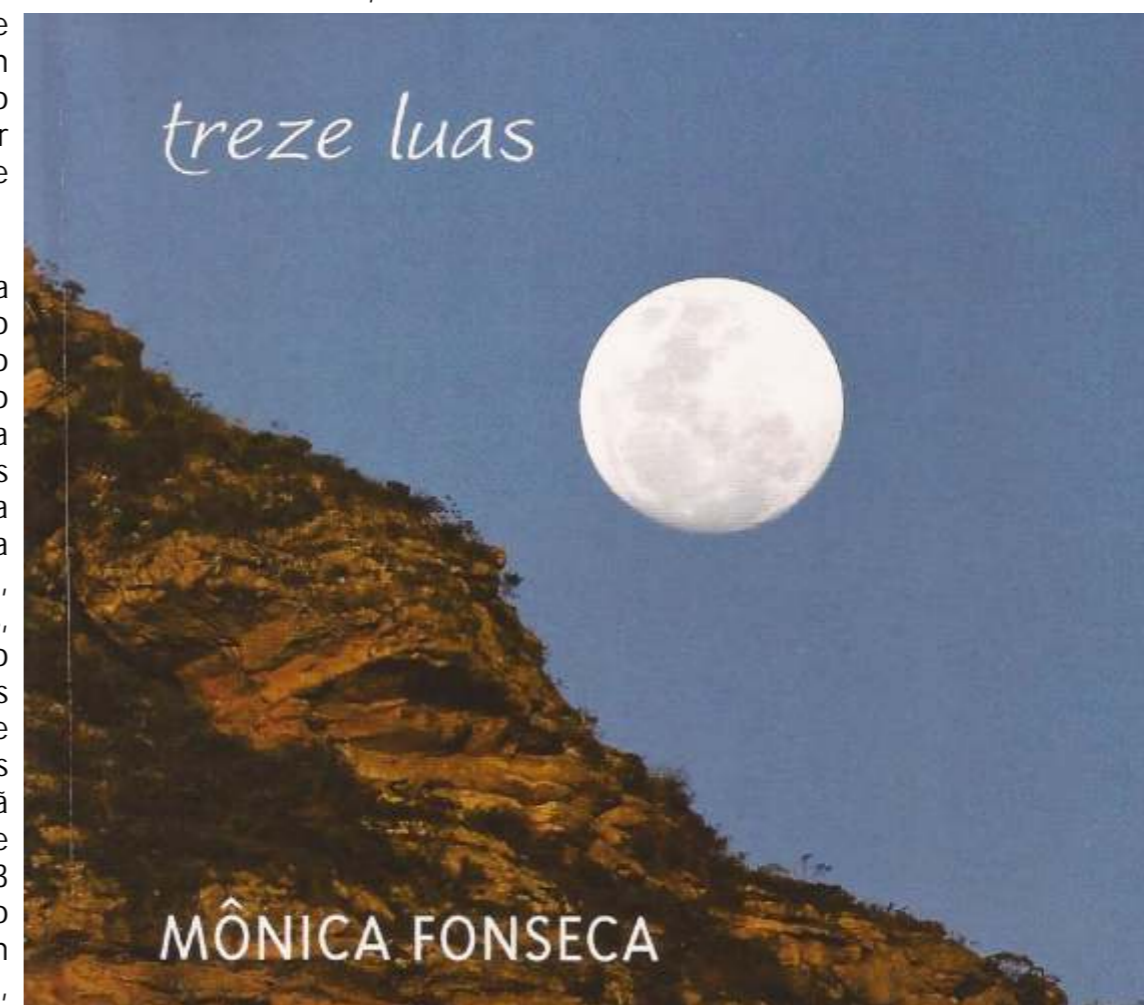
O trabalho é bellissimo! Da caprichada produção visual (com versão bilíngue) à escolha do repertório, tudo é da melhor qualidade! Todas as composições são da própria Mônica, exceto a introdução de Watajis, que é de Umberto Freitas, fantástico em violão solo de outra faixa. Todas as músicas verteram de inspiração nas qualidades das 13 Mães do Clã Original, que correspondem às 13 lunações do ano. Mas não esperem um CD com tessitura religiosa, mas,

dúvida da excelência do meio de se religar ao sagrado quando por meio da arte.

Os arranjos são muito bonitos, o instrumental chega a comover de tão bom – e se destaca o violão de Flávio Fonseca, que faz um belo solo numa das canções –, o backing vocal é alinhadíssimo! E tem a surpreendente percussão corporal de Fernando Fonseca. Mas não se apeguem a esses detalhes que somente vão surgir depois que a gente já decorou as letras e as melodias – todas lindas! Apenas ouçam, se deixem conduzir pelas 13 lunações musicais da inspiradíssima Mônica Fonseca.

Cada vez que ouço "Treze Luas" descubro nele um aspecto que ainda não tinha ouvido e que me encanta. De amor à primeira vista se encaminha a amor eterno, daqueles que cresce todos os dias. O CD de Mônica Fonseca tem indiscutível força na suavidade. Como ela. Ambos admiráveis.

O CD "Treze Luas" pode ser adquirido na entrada dos rituais da Teia de Thea, na UNIPAZ, ou com a própria artista pelo telefone (61) 96027126.



Mandala Florais da Deusa

Com mais de 300 fórmulas, a terapia floral inspirada na Grande Mãe traz equilíbrio e profundas transformações

Criada 12 atrás, a Mandala Florais da Deusa é um sistema de cura totalmente diferenciado que nasceu das flores das dunas, da mata atlântica, jardins e hortas de diferentes pontos da Ilha da Magia (Santa Catarina). A consulta com um terapeuta autorizado permite ao paciente ter uma visão do que está trabalhando consciente e inconscientemente, dos recursos ausentes ou pontos a desenvolver, além das qualidades presentes, do novo que esta por vir e do resultado no final da jornada com os Florais da Deusa.

No consultório, o paciente e sua sabedoria inata são os líderes. O papel do terapeuta é o de facilitar o encontro com este manancial de auto-regulação. A consulta dura cerca de duas horas. Nesse período o paciente tem a oportunidade de escolher seus próprios floras e quanto tempo ficará acompanhado pelas fórmulas escolhidas.

A Ninfa Florais da Deusa escolhida indicará a quantidade de vidros que será necessária e cada posição da Mandala é interpretada em relação ao que o paciente trouxe. Assim, a Mandala Florais da Deusa é mais do que uma simples fórmula floral. É uma bússola para o caminho do autodesenvolvimento.

A pesquisa dos Florais da Deusa começou com o feitio dos florais que compuseram a primeira fórmula: Afrodite. A partir daí foram criadas mais 267 essências para tratamento, recebidas em sua maior parte na forma de canalizações facilitadas pela pesquisadora e co-criadora do Sistema, Rosicler Inês Barbiero de Vargas. Cada uma destas fórmulas compostas está alinhada com a faixa de vibração e o campo mórfico de arquétipos de Deusas e Deuses.

Para ter licença para trabalhar com o Sistema de Cura Florais da Deusa, o Terapeuta passa por um longo e exigente processo de formação de 18 meses, onde é habilitado a ancorar os profundos processos de transformação que estas essências são capazes de gerar.

Para marcar uma consulta e conhecer mais sobre o sistema, entre em contato com a terapeuta autorizada Marisilda Brochado Ranzeiro.

Marisilda Brochado Ranzeiro
Tel.: (61) 9686.6637 / (61) 3032.5543
marisildabr@hotmail.com

Para saber mais sobre os Florais da

Planeta Água

Guilherme Arantes



Água que nasce na fonte
Serena do mundo
E que abre um
Profundo grotão
Água que faz inocente
Riacho e deságua
Na corrente do ribeirão...

Águas escuras dos rios
Que levam
A fertilidade ao sertão
Águas que banham aldeias
E matam a sede da
população...

Águas que caem das
pedras
No véu das cascatas
Ronco de trovão
E depois dormem tranquilas
No leito dos lagos
No leito dos lagos...

Água dos igarapés
Onde lara, a mãe d'água
É misteriosa canção

Água que o sol evapora
Pro céu vai embora
Virar nuvens de algodão...

Gotas de água da chuva
Alegre arco-íris
Sobre a plantação
Gotas de água da chuva
Tão tristes, são lágrimas
Na inundação...

Águas que movem moinhos
São as mesmas águas
Que encharcam o chão
E sempre voltam humildes
Pro fundo da terra
Pro fundo da terra...

Terra! Planeta Água
Terra! Planeta Água
Terra! Planeta Água...

Água que nasce na fonte
Serena do mundo
E que abre um
Profundo grotão
Água que faz inocente
Riacho e deságua
Na corrente do ribeirão...

Águas escuras dos rios
Que levam a fertilidade ao
sertão

Águas que banham aldeias
E matam a sede da
população...

Águas que movem moinhos
São as mesmas águas
Que encharcam o chão
E sempre voltam humildes
Pro fundo da terra
Pro fundo da terra...

Terra! Planeta Água
Terra! Planeta Água
Terra! Planeta Água...(2x)

Posta-restante
por Maria Amaziles

Maria.

A janela se escancara para o riso das crianças,
que chega de longe insistindo em afirmar que o rigor do
prio já se foi. Abusado, o Sol já traspassa as cortinas,
mas seu corpo parece perder-se em rebeldia, relutando em
acordar. É difícil colocar os pés no chão, despedir-se dos
fiapos de sonho e voltar sua atenção para o que acontece
aqui e agora. Chega a parecer impossível que este seja um
bom dia. E, no entanto, este pode ser mais um dia belo,
cheio de possibilidades, oportunidades, aventuras... Mas
seu corpo resiste, pedindo tréguas, pausa, socorro. Exigindo
asilo em algum lugar fora do espaço e do tempo, onde
compromissos se permitem abandonar. É a falta de
energia vital, que ofusca a sua capacidade de acordar.

Hoje distanciar-se de seu centro, o que também
significa distanciar-se do templo sagrado onde você me
encontra, você se perde em posturas ilusórias, gestos vazios
consumidos na construção de castelos de areia. E, longe
de acumular valor, sua vida se esvai, numa patética
tentativa de gerar vida do nada. Mesmo que você não o
perceba, esse é um flerte com a morte, com a forma mais
cruel de inanição...

Eu pergunto a você onde estão guardados seus
sonhos, seus dons, sua vontade. Não se voltar para eles,
você encontrará o caminho para a fonte da energia que
tudo move, que faz brotar as sementes e amadurecer os
frutos. Pois a vida continua a pulsar, independente de
seu alheamento, livre das suas ilusões. Como numa
respiração sagrada, sistemas interagem, estrelas nascem e
se apagam, vidas se transformam, sempre sob o brilho da
Luz nutridora do Amor, refletido dentro de cada
criatura em força e poder. No centro de seu ser está o seu
caldeirão, crepitando pelo fogo do meu Amor.

Abra os olhos da alma para a dádiva que
repousa ao alcance de sua mão. Cuide desse seu corpo
como quem reconhece o tesouro que possui, com gratidão e
comprometimento, zelando a chama da vida que um dia
insufleci em você. Permita-se viver plenamente, filha, pois
esta é uma boa hora para acordar!

Em energia criadora,

Aquela que é.

Expediente Jornal Deusa Viva
Coordenação: Nane Silva
Edição e Diagramação:
Cristiane Madeira Ximenes, Paula Nunes e Stella Matta Machado
Textos: Helena Maltez, Maria Amaziles, Mirella Faur e Vera Pinheiro
Imagens de internet
Informações: www.teiadethea.org
Nane (61) 9677.9453 .. Andrea (61) 3408.4065
deusaviva@teiadethea.org